

FOTOS: SIEMENS/ASSESSORIA



Cachoeira de Ouro Preto (1824), de Rugendas: aquarela naturalista

sileiros no século XIX.

Mais de 170 anos depois da atribulada viagem, a exposição *O Brasil de hoje no espelho do século XIX* – artistas alemães e brasileiros refazem a Expedição Langsdorff, em cartaz no Museu de Arte de São Paulo (Masp), revive e atualiza o esforço empreendedor do barão Langsdorff. Promovida pelo Instituto Goethe, patrocinada pela Siemens, e com as curadorias do historiador de arte chileno-suíço Pablo Die-ner e do alemão Alfons

Hug, coordenador da Casa das Culturas do Mundo, de Berlim, a mostra reúne na sua parte histórica 220 quadros, além de centenas de documentos inéditos.

Dos trabalhos originais, 70 estão sendo exibidos pela primeira vez no Brasil. Vieram do precioso acervo da Academia de Ciências de São Petersburgo, Rússia, onde o material da expedição – financiada pelo czar Alexandre I – ficou encaixotado durante 100 anos. Outras 150 obras foram recolhidas de acervos públicos e particulares do Rio de Janeiro e São Paulo. O conjunto forma um estupendo painel artístico assinado por Rugendas, Taunay e Florence. Diários, anotações de viagens, apontamentos, esboços e mapas realizados pelos artistas e outros participantes da acidentada expedição completam o segmento histórico da mostra. Entre as curiosidades, destaca-

ARTE

Odisséia tropical

A mostra *O Brasil de hoje no espelho do século XIX* revive a aventura científica e cultural da Expedição Langsdorff

ROBERTO COMODO

Seduzido pelos encantos da natureza brasileira, o visionário barão alemão Georg Heinrich von Langsdorff, cônsul-geral da Rússia no Rio de Janeiro, resolveu empreender uma grande expedição científica e cultural pelo interior do Brasil em 1822. Dividida em duas etapas, a expedição se revelou uma verdadeira odisséia que só terminou em 1829, depois de percorrer mais de 15 mil quilômetros. Participaram da aventura um grupo formado por botânicos, zoólogos, astrônomos e três artistas – o pintor alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858) e os franceses Aimé-Adrien Taunay (1803-1828) e Hércules Florence (1804-1879). Os três registraram em desenhos e aquarelas a exuberância da natureza tropical, compondo em 368 obras o mais completo e deslumbrante painel da paisagem e dos costumes bra-



Índio mundurukú (1828), de Florence: interpretação colorida dos nativos

se o minucioso e draconiano contrato firmado entre Langsdorff e Rugendas para que este ilustrasse a viagem. O artista entrou em conflito com o autoritarismo do barão e abandonou a expedição ainda na sua primeira etapa. Aimé-Adrien Taunay – filho de Nicolas Antoine Taunay, um dos integrantes da Missão Artística Francesa – substituiu Rugendas e não teve melhor sorte. Revelou-se um sensível observador da natureza e dos nativos mas, com o espírito de artista-viajante, também teve desavenças com Langsdorff. Morreu afogado aos 25 anos ao tentar atravessar o rio Guaporé a nado.

No seu roteiro inicial, a Expedição Langsdorff percorreu o interior de Minas Gerais durante oito meses. Em seguida, através de uma rota fluvial, partiu de São Paulo em 1825, subiu o rio Tietê até chegar às províncias de Goiás e Mato Grosso, atingindo Cuiabá, e depois o Pará e a Amazônia. Ao alcançar o rio Amazonas, o sonho de Langsdorff era penetrar e descrever regiões não conhecidas do mundo europeu e do recém-criado império brasileiro. Mapeou a área hoje compreendida entre o Pantanal, o cerrado e a Amazônia, uma vastidão na época habitada por inúmeras nações indígenas. Acidentes de toda sorte, porém, selaram o fim da viagem em 1829, quase oito anos depois de ela ter se iniciado. Além do afogamento de Taunay, as corredeiras do rio Jurueña arrastaram três membros da expedição. Outros, como Hércules Florence, atingidos pela malária, viveram em constante delírio. O próprio Langsdorff, adoecido, perdeu irremediavelmente a memória, mas deixou um notável saldo científico e cultural da pioneira aventura batizada com o seu nome.

Além dos primorosos desenhos e aquarelas naturalistas de Rugendas, Taunay e Florence, que registram paisagens, costumes locais das populações mestiças e indígenas e exemplares da fauna e flora, um dos méritos de *O Brasil de*

hoje no espelho do século XIX é confrontar a memória histórica da expedição com uma visão artística contemporânea. Em abril de 1995, um grupo de artistas – composto pelos brasileiros Carlos Vergara e José Fojocka Neto, os alemães Olaf Nicolai e Michael Fahres e o russo Anatoli Juravlev – refez de ônibus parte do

trajeto de Langsdorff. Durante três semanas, o grupo percorreu São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

A incursão resultou na produção de instigantes pinturas, fotografias, filmes, instalações e composições musicais que fazem uma releitura atual das regiões visitadas pelos antigos aventureiros. O compositor alemão Michael Fahres, por exemplo, criou uma sinfonia que faz parte da instalação sonora *Green room*, uma enorme coluna de som e luz, inspirada nas anotações de Hércules Florence sobre os sons dos pássaros e animais. O gaúcho Carlos Vergara descobriu nos desenhos dos solos e nas plantas locais uma fórmula para suas macrotipias, um tipo de gravura pintada com pigmentos naturais. Enquanto o fotógrafo russo Anatoli Juravlev deu um toque dramático aos desenhos de Rugendas. Munido de uma câmera Polaroid, fotografou e ampliou os trabalhos em grandes formatos, elaborando, assim, metáforas de paisagens virgens que lembram cenários teatrais.

Uma outra instalação fotográfica, *Lugar de ilusões*, do mineiro Fojocka Neto, remete ao ciclo do ouro e à manipulação da religiosidade no interior do País. O alemão Olaf Nicolai, perseguindo o espírito de catalogação da Expedição Langsdorff, criou a *Mala modelo Itamaraty* contendo uma planta artificial e tecidos que reproduzem desenhos de tapetes indígenas retrabalhados em computador. Com seu rico acervo de desenhos e aquarelas históricas contraposto ao olhar contemporâneo dos artistas, a exposição cumprirá um alentado roteiro. Fica no Masp até dia 21, desembarca no início de março em Brasília, na Fundação Athos Bulcão, e em abril chega ao Rio de Janeiro, na Casa França-Brasil, para depois ser exibida em Berlim, Munique e São Petersburgo.



Aruanã, de Vergara (acima), e Mala modelo Itamaraty, de Nicolai: visão contemporânea da expedição histórica

